

Cegueira, alegoria e civilização

Adriana Moreira Mendes
Mestranda em Literatura Portuguesa/UERJ

No trabalho é feita uma análise do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, tomando a cegueira como versão alegórica da contemporaneidade. O estudo baseia-se no conceito de alegoria no sentido que Walter Benjamin apresenta no capítulo *Alegoria e drama barroco*, do livro *A origem do drama barroco alemão*, no qual estabelece uma oposição entre a alegoria presente na tradição cristã, de caráter pedagógico, que busca revelar uma verdade a ser ensinada, e aquela que consiste na desestruturação e fragmentação da suposta realidade histórica, fazendo desses fragmentos objeto de meditação. É utilizado, ainda, como apoio à leitura, o texto “*Mal-estar na Civilização*”, de Sigmund Freud, onde o autor aborda a inadequação do homem à civilização, da qual, paradoxalmente, necessita. No romance, a cegueira física, da qual todos são vítimas, com exceção de uma personagem, leva o homem a um estado de degradação física e moral, que conduz a reflexões acerca de conceitos diretamente ligados às relações pessoais, como diferença, tolerância, solidariedade, resistência, amor ao próximo, etc.

Desenvolvimento

Saramago tem como marca, em seus romances, um olhar reflexivo em relação à história, ao homem e a sua atuação no mundo. Surpreende em cada novo trabalho dada a variedade dos temas bem como a forma de abordagem dos mesmos. Considerando-se o que predomina em seus romances, destaca-se a presença do narrador onisciente que conduz o leitor a cada detalhe do mundo narrado e à intimidade das personagens.

No romance *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago não apresenta o contexto histórico em que vivem as personagens e sequer situa a trama em determinado lugar e tempo, mas o mundo em vivemos está presente ali de forma alegórica. A alegoria, aqui, está baseada no conceito benjaminiano que a opõe ao símbolo. Este, para Walter Benjamin é o tipo de alegoria que está presente na tradição cristã e tem caráter didático, revelando uma determinada verdade que se queira ensinar. O conceito de alegoria apresentado por Walter Benjamin está no estudo sobre a origem do drama barroco alemão. Ao contrário do símbolo que procura declarar uma verdade abolindo o sentido primeiro, a alegoria consiste na desestruturação e fragmentação da suposta realidade histórica, fazendo desses fragmentos objeto de meditação: “Na esfera da

intenção alegórica, a imagem é fragmento, ruína. Sua beleza simbólica se evapora quando tocada pelo clarão do saber divino” (BENJAMIN, 1984, p. 198).

Enquanto o sofrimento e a dor no contexto religioso têm um caráter redentor e de negação da morte, na alegoria eles apontam para o estado decadente do mundo, a versão não oficial da história:

Ao passo que no símbolo, com a transfiguração do declínio, o rosto metamorfoseado da natureza se revela fugazmente à luz da redenção, a alegoria mostra ao observador a face hipócrita da história como protopaisagem petrificada. A história em tudo que nela desde o início é prematuro, sofrido e malgrado, se exprime num rosto não, numa caveira. [...]. Nisso consiste o núcleo da visão alegórica: a exposição barroca, mundana, da história como a história mundial do sofrimento, significativa apenas nas estações do declínio. Quanto maior a significação, tanto maior a sujeição à morte, porque é a morte que grava mais profundamente a tortuosa linha de demarcação entre a physis e a significação (BENJAMIN, 1984, p.188).

Ensaio sobre a cegueira fala de uma cegueira coletiva que se supõe contagiosa. A história já se inicia com um homem cegando, dentro de seu automóvel, no momento em que olha para a luz do semáforo. Este é o começo de uma série de casos de cegueira que resultarão no enclausuramento de todos os cegos e possíveis contagiados. Tal medida é tomada pelo governo, auxiliado pelo exército. O núcleo dramático situa-se num grupo de cegos cujos nomes não são ditos, sendo denominados pelas funções que exercem ou por alguma característica já apresentada, como por exemplo o médico, a mulher do médico, o rapazinho estrábico, etc. Estes são os primeiros a cegar e ficam isolados num manicômio desativado.

A cegueira é denominada de mal branco porque, ao contrário dos casos comuns em que a visão é substituída por trevas, neste o cego se via mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis (SARAMAGO, 1995, p. 16). A causa desse mal era desconhecida, pois os exames não diagnosticavam qualquer anomalia nos olhos dos cegos. A cegueira, está portanto, como um instrumento que remete à leitura alegórica deste romance: ser cego é estar morto, ou como disse a rapariga dos olhos escuros [...] mas o que penso é que já estamos mortos, estamos cegos porque estamos mortos, ou então, se preferes que diga isto de outra maneira, estamos mortos porque estamos cegos, dá no mesmo (SARAMAGO, 1995, p. 241).

Considerada no seu sentido literal, enquanto incapacidade física de enxergar, a cegueira aqui conduz ao processo de destruição cujos destroços possibilitam a construção de novas significações. Esta destruição manifesta-se na degradação física e moral do ser humano desde o momento em que os cegos e os supostos contaminados, que posteriormente vão

cegando, são isolados sem qualquer possibilidade de ajuda. Vivem diante da ameaça de soldados armados, com alimentação precária, sem auxílio médico, num ambiente de sujeira e falta de privacidade. Desta forma, esta cegueira também os aproxima da morte, seja pelas armas dos soldados, por doenças ou mesmo pelo clima de autodestruição que se instala. Em o mal-estar na civilização, Freud apresenta a beleza, a limpeza e a ordem como ocupantes de um lugar especial entre as exigências da civilização (FREUD, 1995, p. 47). Isto é exatamente o que vemos gradativamente se acabar durante a trajetória do grupo de cegos que acompanhamos, conduzidos pelo narrador que nos aproxima daquele mundo, fazendo-nos sentir toda a miséria vivida pelos cegos, através da descrição do ambiente e da ênfase que dá aos detalhes relativos à sujeira, doença e morte. Destacamos ainda um outro aspecto característico da civilização apontado por Freud:

É a maneira pela qual os relacionamentos mútuos dos homens, seus relacionamentos sociais, são regulados relacionamentos estes que afetam uma pessoa como próximo, como fonte de auxílio, como objeto sexual de outra pessoa, como membro de uma família e de um Estado. Aqui, é particularmente difícil manter-se isento de exigências ideais específicas e perceber aquilo que é civilizado em geral. Talvez possamos começar pela explicação de que o elemento da civilização entra em cena com a primeira tentativa de regular esses relacionamentos sociais. Se essa tentativa não fosse feita, os relacionamentos ficariam sujeitos à vontade arbitrária do indivíduo, o que vale dizer o homem fisicamente mais forte decidiria a respeito deles no sentido de seus próprios interesses e impulsos instintivos. Nada se alteraria se, por sua vez, esse homem forte encontrasse alguém mais forte do que ele. A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado [...]. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Sua essência reside no fato de os membros da comunidade se restringirem em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições [...].

A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização. (FREUD, 1995, p. 48/49).

Embora ali todos sejam iguais por viverem na mesma miséria, um grupo de cegos, cujo líder tinha em seu poder uma pistola, resolve dominar os demais, apropriando-se indevidamente da comida e de bens que não tinham qualquer valor, tão somente pelo gozo extraído da dominação. Quando se esgotam os bens materiais a serem doados, os dominadores procuram manter seu gozo exigindo mulheres para sua satisfação sexual. Desta forma, os cegos precisam decidir entre esperar a morte por inanição, sujeitar-se à humilhação ou lutar pela vida:

[...] se a vergonha ainda tem algum significado neste inferno em que nos puseram a viver e que nós tornamos em inferno do inferno, é graças a essa pessoa que teve a coragem de ir matar a hiena do covil da hiena, Pois sim, mas será a vergonha que nos virá encher o prato, Quem quer que sejas, estás certo no que dizes, sempre houve quem enchesse a barriga com a falta de vergonha, mas nós, que já nada temos, a não ser esta última e não merecida dignidade, ao menos que ainda sejamos capazes de lutar pelo que de direito nos pertence, Que queres dizer com isso, que tendo começado a mandar as mulheres e comido à custa delas como pequenos

chulos de bairro, é agora a altura de mandar os homens, se ainda os temos aqui, Explica-te, mas primeiro diz-nos donde és, Da primeira camarata do lado direito, Fala, É muito simples, vamos buscar a comida pelas nossas próprias mãos, Elas têm armas, Que se saiba só tem uma pistola, e os cartuchos não vão durar-lhes sempre, Com os que têm morrerão alguns de nós, Outros já morreram por menos, Não estou disposto a perder a vida para que outros fiquem cá a gozar, Também estarás disposto a não comer se alguém vier a perder a vida para que tu comas, perguntou sarcástico o velho da venda preta, e o outro não respondeu. (SARAMAGO, 1995, p. 191).

Nesta história, que se passa num tempo indeterminado, está presente a história da humanidade. Não a do discurso oficial, mas a do sofrimento humano, das injustiças, do medo e, acima de tudo, da ausência da fraternidade. A cegueira nos remete a um mundo dos cegos no qual as coisas serão o que realmente são (SARAMAGO, 1995, p. 128). Na fala das personagens, que vivem nesse mundo em ruínas e se aproximam, cada vez mais da morte, são feitas as considerações a respeito da cegueira:

O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos, [...]. Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira. (SARAMAGO, 1995, p. 131).

A ausência de fraternidade é visível desde o início da narrativa a atitude do governo com relação aos cegos, que é da mais desumana e justificada pelo discurso da solidariedade:

O governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que a quem esta mensagem se dirige assumam também como cumpridores cidadãos que devem ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer considerações pessoais, um ato de responsabilidade para com o resto da comunidade nacional. (SARAMAGO, 1995, p. 49).

O texto é marcado por ironias que se manifestam na fala do narrador, o qual chama a atenção para o como as responsabilidades são transferidas por meio do convite ao altruísmo e cegamente assumidas pelo oprimido, num gesto de conformismo:

Olhando a situação a frio, sem preconceitos nem recentimentos que sempre obscurecem o raciocínio, havia que reconhecer que as autoridades tiveram visão quando decidiram juntar cegos com cegos, cada qual com seu igual, que é boa regra de vizinhança, como os leprosos, [...] até nos mandaram sabão, detergentes, manter a cama feita, o fundamental é não perdermos o respeito por nós próprios, evitar conflitos com os militares que cumprem com o seu dever vigiando-nos, para mortos já temos que baste [...] (SARAMAGO, 1995, p. 109).

A expressão popular cada qual com seu igual traduz o pensamento da modernidade, de abominação ao diferente, de maneira que, aqui, o espaço da fraternidade só é possível no

campo do discurso demagogo. E tomar uma atitude acima de quaisquer considerações pessoais está longe de ser uma postura solidária, mas um modo de fazer-se cego. A mulher do médico, inexplicavelmente, foi a única a não cegar. Esta é a personagem através da qual é possível ver que a fraternidade pode existir. Ela sofre com o que vê e vive, entrega-se à violência sexual juntamente com as cegas, sentindo em si o sofrimento daquelas. Sendo tocada pela revolta contra a injustiça, faz justiça com as próprias mãos, matando o líder dos cegos opressores. Divide-se entre um sentimento de responsabilidade para com os outros cegos por ser a única a enxergar e o reconhecimento da possibilidade de ser traída por seus próprios companheiros de jugo:

E se agora lhes dissesse que fui eu que matei, entregar-me-iam sabendo que me entregavam a uma morte certa. (SARAMAGO, 1995, p. 191).

Mas, mesmo sabendo a que nível o ser humano havia chegado a mulher do médico mantém-se firme. Algumas vezes lamenta a posição que ocupa:

[...] é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror. (SARAMAGO, 1995, p. 262).

Mas em momento algum parece perder de vista o fato de que algo ainda pode acontecer:

[...] mas agora o que verdadeiramente a nos matar é a cegueira, Não somos imortais, não podemos escapar à morte, mas ao menos devíamos não ser cegos, disse a mulher do médico, Como, se esta cegueira é concreta e real, disse o médico, não tenho a certeza, disse a mulher, Nem eu, disse a rapariga dos óculos escuros. (SARAMAGO, 1995, p. 282).

Já estamos meio mortos, disse o médico, Ainda estamos meio vivos, respondeu a mulher. (SARAMAGO, 1995, p. 288).

A história mostra um mundo no qual as pessoas são tomadas por algo desconhecido. As conseqüências são drásticas. Depois que a cegueira atinge toda a população, não há mais soldados para vigiarem os cegos enclausurados. A liberdade, porém, quando volta não tem mais razão de ser, o homem já não sabe para quê ser livre, ou como usar sua liberdade, já que todos estão cegos e o caos já está estabelecido. Uma vez do lado de fora, a mulher do médico é interrogada acerca do que vê: Não há diferença entre o fora e o dentro, [...] entre o que vivemos e o que teremos de viver (SARAMAGO, 1995, p. 233).

Uma história é a que se apresenta no discurso oficial. Outra é a que está apresentada pela via da alegoria neste romance de José Saramago. Mas, diante de tudo o que se expõe aqui, uma questão fica no ar: seria possível pensar em alguma mudança, na construção de uma nova história que não seja marcada por injustiça, medo, constante anulação do desejo e da singularidade? Antes de tudo é preciso ver.

[...] a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança. (SARAMAGO, 1995, p. 204).

Referências

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro Imago, 1997.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.